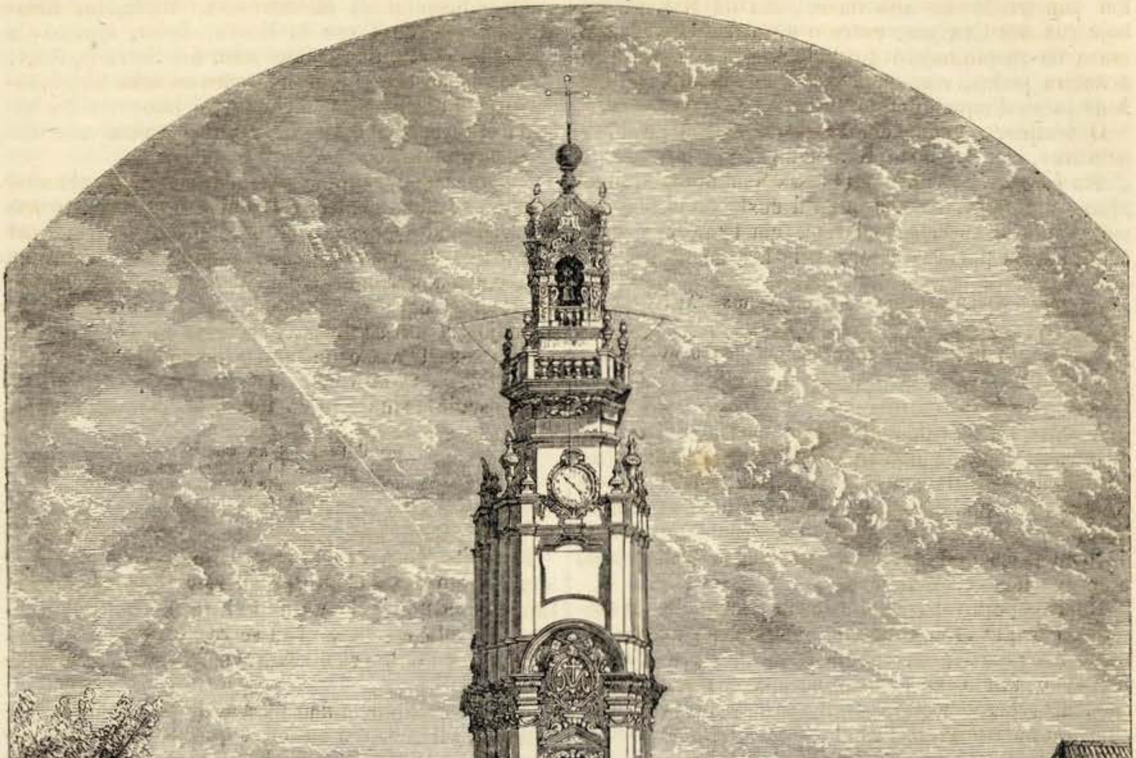


Torre dos Clerigos no Porto — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Um dos brasões architectonicos da invicta cidade do Porto é sem duvida a torre da egreja dos Clerigos, não tanto pelas bellezas de construcção, como pela sua altura, que excede a 75 metros, o que lhe dá vantagem sobre os mais eminentes campanarios da Europa.

Da egreja a que esta bella e alterosa torre pertence, daremos hoje noticia, tal qual no-la remetteu obsequiosamente o sr. A. M. Leorne, antigo auxiliar e collaborador do *Archivo Pittoresco*, cuja dedicação a prol dos melhoramentos e civilisação da nossa commum patria, é digna do honroso testimunho que aos seus esforços, modestos, sem publicidade nem ostentação, lhe prestâmos aqui.

A estampa que hoje damos, é unicamente da torre. A da egreja irá em outro numero. Apresentâmol-as separadas, para melhor se gozar o effeito de cada um d'estes monumentos, que todavia contam apenas um seculo.

Eis o que nos diz o sr. Leorne.

« A egreja dos Clerigos foi começada em 1732 por uma resolução tomada em 31 de março de 1731,

pelas tres confrarias reunidas de Nossa Senhora da Assumpção, S. Pedro ad Vincula, e S. Filippe Nery. Foi construida no alto da calçada da Natividade, hoje rua dos Clerigos, entre o adro das Oliveiras e muro do recolhimento do Anjo [1], sendo lançada a primeira pedra, com pomposa solemnidade, no dia 2 de julho d'aquelle anno.

O templo, sagrado em 12 de setembro de 1779 pelo rev. D. fr. João Rafael de Mendonça, bispo d'esta cidade, é dedicado a Nossa Senhora d'Assumpção, padroeira, e foi erigido á custa do clero, como consta da inscripção latina, em tarja de pedra, collocada na porta collateral que fica ao norte:

HOC MIRUM ASSUMPTAE, QUOD VRIGINIS ARA TUETUR,
LARGA MANUS CLERI SURGERE FECIT OPUS.
AMPLA DEAE SEDES, PETROQUE ATQUE AUCTA PHILIPPO,
QUIDNI TRIGEMINO NUMINE DIGNA FORET?

A egreja propriamente dita tem 150 palmos de comprido, e 82 de largura. É isenta de jurisdicção parochial, tem lausperenne perpetuo em todos os sabbados, e um côro de vinte e tantos sacerdotes, que hoje estão reduzidos a oito, escolhidos entre os de bom procedimento, e approvados em cantochão, e ceremonias ecclesiasticas.

Uma respeitavel corporação ou irmandade de clerigos, em que eram admittidos alguns seculares dos mais benemeritos da cidade, administrava n'outro tempo o fundo necessario para a conservação de toda esta obra, e para as despezas que se faziam com um bem provido hospital para clerigos pobres, que ainda existe.

Tem sido irmãos d'esta irmandade grandes e respeitaveis prelados, e entre estes o cardeal D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, e D. fr. José Maria d'Affonseca e Evora, 75.º bispo d'esta cidade.

Na capella mór está collocado o corpo de Santo Innocencio, martyr; e sobre o alto da tribuna, que é toda de marmore, e importou em mais de 50 mil cruzados, a imagem da padroeira.

A torre, a muito fallada e celebre torre dos Clerigos, é a parte mais notavel do edificio. Passa pela mais alta do reino, e a mais bem lavrada e segura entre as principaes da Europa, sendo comparada, com preferencia, pelo padre Agostinho Rebello a pag. 96 da *Descripção do Porto*, á de Bristol, Ultrecht, Hamburgo, e a outros famosos campanarios. Foi principiada em 13 de dezembro de 1753. É toda de cantaria lavrada, e tem dez sinos, pesando todos 544 arrobas e 13 arrateis, que custaram 5:208$425 rs., como consta do respectivo « *livro de despezas* » da confraria. Do mesmo livro consta que o sino maior pesa 177 arrobas 11 arrateis, e que fôra fundido a 10 de janeiro de 1781, pelas dez horas da noite.

Esta elegante torre, que se avista do mar a 8 leguas de distancia, e que serve de balisa ás embarcações que demandam a barra, é uma das mais notaveis construcções da cidade do Porto, fazendo grandissimo effeito pela eminente posição em que está edificada, o que faz com que seja vista de qualquer ponto da cidade.

Tem de altura, desde a base até ao assento da bola, 342 palmos, ou 75,^{m}24. Uma escada de pedra, em caracol, com 240 degraus, conduz pelo interior até ao ultimo campanario.

A vista da cidade, gozada d'este ponto em dia claro, ou quando faça bom luar, é de surprehendente e magnifico effeito, vendo a nossos pés dilatar-se a mimosa e laboriosa cidade, ostentando, ufana, os seus grandes edificios, templos, praças e ruas, taes como o hospital da Misericordia, Academia, Relação, quartel da Torre da Marca, Bolsa, egrejas da Lapa, Trindade, Santo Ildefonso, Sé, Serra do Pilar, etc. Mais ao longe vêem-se todos os seus abundantes e pittorescos arrabaldes, o rio Douro, e no horisonte, ao oeste, o Oceano, que completa este magestoso quadro.

Em dias da passagem dos paquetes inglezes suspendem-se dois balões nas pontas de duas vergas collocadas aos lados, no alto da torre, para indicar que o paquete está á vista. E ainda n'esta torre que está collocada a meridiana. Tanto a egreja como a torre foram obra do architecto italiano Nicolau Nasoni, cujo retrato se acha na secretaria da irmandade, gastando-se trinta e um annos na edificação de toda esta fabrica, como consta da seguinte inscripção latina, esculpida no alto da torre, do lado do mar:

AD PRIMUSQUE AD ULTIMUM
LAPIDEM TEMPLI TAN AEQUE
TURRIS NICOLAO NASONI CONSTRUXIT
AB. AN. 1732. COMPLEVITAN
1763.

É muito para censurar o desleixo e incuria que tem havido em não preservar esta torre com pára-raios, pois que pela grande altura e ponto elevado em que está assente, acha-se exposta e sujeita aos golpes da centelha electrica, como por vezes já aconteceu.

Esta circunstancia não passou despercebida ao architecto italiano, e a razão é, que não podendo empregar o pára-raios material, porque n'aquelle tempo ainda Benjamin Franklin, com quanto já existisse, o não tinha inventado, empregou os espirituaes, por que collocou na ultima varanda da torre, do lado do sul, uma imagem de Santa Barbara, advogada contra os raios, feita de pedra toscamente trabalhada, é verdade, e esculpiu em latim, na frente que fica virada ao mar, a « *oração de Nossa Senhora* » ou *Magnificat*, que ainda se lê perfeita e distinctamente. Honra seja feita á sua memoria. »

Quando publicarmos o desenho da frontaria da egreja, acrescentaremos mais algumas particularidades ácerca d'este monumento.

RASPAIL

(Vid. pag. 159)

Em 1830 foi Raspail um dos combatentes da revolução de julho, e ficou ferido de uma bala na invasão do quartel da rua de Babylonia. Apesar de se haver recusado a prestar juramento a Luiz Filippe, como condecorado de julho, e de ser um dos chefes do partido republicano, o rei poz á sua disposição altos cargos, inclusivè o logar de conservador geral das collecções do museu, expressamente creado para elle. Não se combinando a este respeito com o celebre Cuvier, o qual se oppunha á reforma radical, escreveu Raspail uma carta rejeitando todos os cargos publicos, e reuniu-se á commissão de redacção dos *Amigos do Povo*. Eleito presidente d'esta associação, collaborou activamente no seu jornal, assim como nos numerosos escriptos da propaganda revolucionaria, que esta sociedade espalhava. Começou então contra elle uma serie de processos que lhe augmentaram a popularidade, mas que lhe acarretaram, com poucos intervallos, seis a sete annos de prisão!

Era tal a paixão e vehemencia com que elle proprio orava nos tribunaes em sua defesa, e tal a violencia das suas convicções republicanas, que um dia ousou dizer em plena audiencia: « É necessario en-

[1] Adro e recolhimento já não existem. O primeiro foi substituido por casas, e no local do segundo acha-se estabelecido o mercado publico, denominado o «mercado, ou praça do Anjo.»

terrar vivo nas ruinas das Tulherias o cidadão que pede á pobre França quatorze milhões para comer e beber. » Referia-se á dotação do rei Luiz Filippe. O tribunal puniu immediatamente esta audacia com quinze mezes de prisão e duzentos francos de multa. Ainda mais: os periodicos ministeriaes pediram que, quando o transferissem de Santa Pelagia para a prisão de Versalhes, fosse algemado, e no meio de uma escolta de soldados das companhias disciplinares.

Em outubro de 1834 tomou a redacção em chefe do *Reformador*, jornal que, durante os quinze mezes que existiu, foi condemnado vinte vezes, e pagou cem mil francos de multas. N'este mesmo jornal escreveu Raspail muitos artigos scientificos, e uma serie de cartas sobre as prisões de Paris, que se reimprimiram á parte com o titulo de *Reforma Penitenciaria* (1839. 2 vol. in-8.).

Entre tantas labutações e dissabores, Raspail não sacrificava inteiramente ás agitações politicas os seus estudos favoritos. Trabalhador infatigavel, a sua vida privada era um modelo da antiga rigidez estoica, e da sobriedade pythagorica. Sobre este ponto nunca os seus inimigos tiveram de que o accusar. D'esta epocha tormentosa e cortada de privações, datam as obras magistraes que tanta nomeada lhe grangearam, todas ellas compostas quando estava mettido em ferros. Mencionaremos d'entre ellas as seguintes: *Açoites scientificos*, polemica sustentada com Geoffroi Saint-Hilaire e Cuvier (1830 in-8.) *Tentativa de chimica microscopica* (1831. in-8.) applicada á physiologia. *Curso elementar de agricultura e de economia rural*, para uso das escholas primarias (1831-32 in-8.) Foi traduzida em portuguez pelo dr. Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva (1843-44 in-8.). *Novo systema de chimica organica* (1833 in-8. com estampas), de que fez nova edição completamente refundida (1838. 3. vol. in-8. com atlas). Trata principalmente da manipulação, da chimica descriptiva, e da chimica geral ou analogica. *Novo systema de physiologia vegetal e botanica* (1837. 2 vol. in-8. com figuras e atlas), fundado sobre os methodos de observação, desenvolvidos no precedente tratado.

Os descobrimentos consignados n'estas obras resultam não tanto do emprego do microscopio, como da novidade com que o auctor encarou o assumpto. O seu methodo consiste em seguir os seres organisados desde o seu nascimento até á morte, para notar as transformações e funcções dos seus orgãos, fazendo todo esse rigoroso estudo, não só no tocante á organisação, mas tambem quanto ás suas relações physicas, chimicas e physiologicas.

Alguns annos depois, em 1840, quando já Raspail tinha renunciado a politica militante, foi elle assumpto de grande polemica nos jornaes, e das calumnias dos seus inimigos. Referimo-nos ao famoso processo do envenenamento commettido por mad. Lafarge. A pedido do advogado da ré, foi Raspail chamado para verificar a analyse feita pelo celebre Orfila, o qual, por meio do apparelho de Marsch, dizia ter achado arsenico nos intestinos do morto. Raspail sustentou que similhante facto nada provava, pois similhante substancia toxica se achava espalhada em todos os corpos, e offereceu-se para a descobrir até na madeira da poltrona em que se sentava o presidente do tribunal!

Esta asserção, que parecia unicamente feita para annullar o corpo de delicto, foi desenvolvida n'uma *Memoria para Consultar*, redigida a instancias do defensor da ré, e juntada ao processo.

Mais tarde foi Raspail levado pelas suas observações a asseverar que o maior numero das doenças provinha da invasão de insectos parasitas, internos ou externos, e da infecção produzida no corpo pela sua acção desorganisadora. Procurou elle então um agente capaz de atalhar a causa immediata do mal, e de neutralisar os seus effeitos. Para isto preferiu a camphora, já usada na medicina como calmante e antisceptico; vindo a final a converter esta substancia, aliás energica, n'uma especie de panacéa. Usado principalmente em fórma de cigarrilhas, o novo medicamento tornou-se moda; e o inventor, tomando-o por base de medicação hygienica e curativa ao mesmo tempo, desenvolveu este novo systema no seu *Medico das familias* (1844. in-12.), e principalmente no seu *Manual da Saude* (1846. in-18), especie de encyclopedia pratica de therapeutica, publicada todos os annos, de que se vende um consideravel numero de exemplares, e cujas receitas compostas principalmente de quantidades diversas de camphora em pó, em alcool, e em pomada; de aloes e de agua sedativa, se reduzem a uma medicina antiverminosa.

A obra mais notavel, porém, de Raspail é a *Historia natural da saude e da doença dos vegetaes, e dos animaes em geral, e do homem em particular*: com o formulario de um novo methodo de tratamento hygienico e curativo (1843. 3 vol. in-8. com estampas).

D'esta obra saiu ha pouco terceira edição de que logo fallaremos.

Em 1854 publicou o *Rendeiro Veterinario*, outro manual annuario, destinado ao tratamento dos animaes domesticos pelo mesmo systema.

Perseguido muitas vezes por exercer illegalmente a clinica, foi obrigado a renunciar esta profissão; mas desde logo se estabeleceram numerosos consultorios gratuitos, não só em França, mas por todo o mundo, sendo actualmente a medicina mais popular, e a que tem mais sectarios por ser benigna, economica, innocente, e em muitos casos efficaz.

A revolução de fevereiro de 1848 arrastou de novo o celebre chimico á scena politica. No dia 24 foi elle o primeiro que tomou posse dos paços do concelho, e muito antes da chegada dos membros do governo provisorio alli proclamou a republica. Depois, recusando todos os cargos publicos que lhe foram offerecidos, fundou um jornal quotidiano intitulado o *Amigo do Povo*, com esta epigraphe: *Dieu et patrie, liberté pleine et entière de la pensée, tolerance religieuse illimitée, suffrage universel.*

Não tardou muito que não accusasse o governo de indolencia e de reacção, e de accordo com o partido revolucionario tomou parte nas sedições de 17 de março e 16 de abril. Foi elle um dos promotores da manifestação de 15 de maio a favor da Polonia, e quem subiu á tribuna da assemblea constituinte para ler a petição redigida n'uma das sessões do club a que presidia. Preso n'esse mesmo dia, posto que não tivesse seguido Barbés e Blanqui aos paços do concelho, como falsamente lhe imputaram, foi encerrado no forte de Vincennes até março de 1849, em que o tribunal de Bourges o condemnou a cinco annos de prisão, que foi cumprir em Doullens. Quando estava em processo, foi eleito deputado á assemblea nacional pelo Sena, não podendo tomar assento na camara por estar pronunciado.

Quando se tratou de eleger o presidente da republica, Raspail foi um dos candidatos propostos pelos democratas, e a sua lista alcançou 36:285 votos. Quando acabou os cinco annos de prisão, em abril de 1854, retirou-se voluntariamente para a Belgica, indo residir em Stalle-sous-Uccle, les-Bruxelles, onde se acha ainda hoje, entregue com o mesmo affinco aos seus estudos scientificos.

Raspail, como quasi todos os homens celebres do nosso tempo, começou sua vida de escriptor pelo jornalismo. Sendo ainda prefeito e professor do col-

legio Estanislau, vieram convidal-o para collaborador da *Minerva*, jornal politico que tinha então grande voga, por defender as idéas democraticas. Raspail acceitou o convite com a condição de se publicarem os seus artigos com o pseudonymo de *Ermita da Provincia*, cautela que elle tomou para se não malquistar com os realistas do collegio onde professava. O responsavel dos artigos do *Ermita* era o redactor principal da *Minerva*, mr. de Jouy. Era este quem recebia as felicitações pelas excellentes paginas, exclusivamente redigidas por Francisco Vicente Raspail; mas cedendo a um nobre impulso de probidade litteraria, teve a imprudencia de revelar o nome do seu novo collaborador. Tal nova causou escandalo no collegio Estanislau; e n'esse mesmo dia o professor jornalista foi despedido sem ceremonia. Como era de crer, esta demissão fez estrepito, e grangeou-lhe as affeições do partido. Os generaes do imperio, os convencionaes, e todos os descontentes politicos o felicitaram, requestaram, e animaram, dizendo-lhe: Sê-de jornalista, que é a vossa verdadeira vocação!

Infelizmente os louvores não bastavam para sustentar o ex-professor do collegio Estanislau. Começaram então os venaes a querer especular com o seu talento. Um tal mr. de Férusac encommendou-lhe alguns artigos, pagando-lh'os generosamente. Raspail julgou ter descoberto uma das minas do Potosi, quando casualmente veiu a saber que o jornal para que elle collaborava era publicado sob a protecção directa do duque de Angoulème. Espantado de similhante perfidia, e temendo que os liberaes julgassem que tinha vendido a sua consciencia, correu a casa de mr. de Férusac, devolveu-lhe o dinheiro que havia recebido pelos artigos, e pediu-lhe todos os originaes que ainda se não tinham impresso.

Ficou sem ter recurso algum para viver, até que um dia, para elle de grande desesperação, porque tinha fome, e não sabia onde a houvesse de ir matar, entrou na sua agua-furtada, no sexto andar onde pobremente habitava, um sujeito mui bem vestido, tendo ao peito a roseta da legião de honra.

— Mr. Raspail? — perguntou elle cortezmente.

— Sou eu mesmo.

— O meu nome é Kersausie, lhe disse então o visitante. A minha familia está alliada com a da Tour-d'Auvergne. Sou capitão do quarto regimento dos hussares, e tenho alguns meios. Quereis ser meu amigo?

— Senhor!...

— Esta proposta parece-vos naturalmente ousada; mas espero que tenhaes a bondade de me ouvir — replicou o capitão, puxando por uma cadeira. Ha cinco annos que ando na guerra de Hespanha, uma guerra absurda, aonde o direito não está de certo da parte de Fernando VII, nem da parte da França. Regressando a Paris, eu e o meu quartel mestre [1], fizemo-nos carbonarios. Desde então dediquei-me a sondar o caracter dos homens que se intitulam republicanos, e tenho reconhecido que muito poucos são movidos pelo duplo estimulo da convicção e da honra. São pela maior parte egoistas, enredadores e ambiciosos.

— Ainda mal! — exclamou Raspail, em cujo espirito estas palavras tinham feito echo.

— Mas ha alguns honrados e sinceros. Vós sois d'esse numero, e eis porque venho estender-vos a mão. Dupont (de l'Eure) foi quem me deu a vossa morada.

A ligação d'estes dois homens teve esta origem tão singular como fortuita; e quanto mais se conheceram e communicaram, mais profunda e duravel se tornou a amizade entre ambos.

Eu serei o homem de acção, dizia Kersausie a Raspail; tu serás o reformador e o propheta. Em quanto a revolução não amadurece, estuda, faze-te celebre na sciencia. Os teus discursos e as tuas lições terão ainda mais peso.

Feito este pacto, os dois amigos communicavam-se mutuamente as suas impressões e projectos. Raspail, inflammado de ardente amor pelo estudo, necessitava de que esta paixão se podesse transfundir nas esperanças de um futuro glorioso; e isto nos explica bem, como entregue ás luctas revolucionarias, as mais insensatas, o homem politico nunca absolveu inteiramente o homem scientifico.

Raspail não quiz seguir desde então nenhum curso publico. As primeiras noções que elle recebêra do padre Eysseric lhe abriram o caminho que o conduziu aos seus descobrimentos, realmente prodigiosos, em chimica, na botanica, e nas mais sciencias naturaes.

Kersausie em vão lhe abriu por muitas vezes a sua bolsa, porque Raspail, nem ao menos a titulo de emprestimo quiz acceitar as sommas necessarias para a compra dos instrumentos indispensaveis ás suas experiencias. — « Estes instrumentos, dizia elle, fabrical-os-hei eu mesmo: e pois que estou cultivando a sciencia, ella deve-me sustentar. »

E com effeito, não tardou que não conseguisse compor um microscopio, por processos de optica tão intelligentes, tão isentos de complicação, que as despezas da construcção não excederam a *tres francos* (480 rs.!). Deleuil, oculista de Paris, comprou-lhe o invento, e os sabios tiveram desde então, por modico preço, um instrumento que até alli custava muito caro. Deleuil enriqueceu com os microscopios de Raspail.

(Continua)

UM BUFALO A LUCTAR COM TRES LEÕES

Esta estampa é tirada do curiosissimo livro das viagens na Africa austral, publicado pelo medico e missionario inglez, Daniel Livingston, cujo retrato e biographia ja démos á pag. 73 do I vol. do nosso jornal.

Este viajante considera o leão por modo mui differente do commum, apesar de ter ficado aleijado do braço esquerdo, quando foi accommettido por uma d'estas feras em Curuman.

Eis o que elle diz:

« Quem encontra um leão de dia, o que acontece com muita frequencia aos que viajam por estas terras, se as preoccupações que tem adquirido o não induzem a esperar uma fera nobre e magestosa, verá simplesmente um animal similhante ao cão, porém o maior que tem visto. O leão participa muito dos signaes caracteristicos da raça canina. O seu aspecto pouco se parece com o que geralmente se pinta nos quadros; e os pintores poderiam estudar melhor este assumpto nos jardins zoologicos, em vez de se penetrarem das idéas de magestade, attribuida ao rei das florestas.

Quando succede encontrar-se um leão, este permanece com os olhos fitos no viajante um ou dois segundos, depois volta-se lentamente e dá uns dez ou doze passos retirando e olhando para trás, e d'ahi váe n'um ligeiro trote, concluindo por uma carreira tão rapida como a de um galgo.

Durante o dia póde dizer-se que não ha perigo algum de que o homem seja atacado pelo leão, quando se lhe não faz mal, como tambem durante a noi-

1 Este quartel-mestre é hoje em dia conde de Persigny, senador do imperio, e embaixador de França em Londres. Foi sempre grande amigo do actual imperador dos francezes, e auxiliar de todas as trapaças politicas d'este novo Cesar. O conde de Persigny tambem já foi ministro de Napoleão no ministerio do reino, e é auctor de uma memoria muito seccante sobre a *Utilidade das pyramides do Egypto!*

te, quando a lua brilha em todo o seu esplendor. Pelo tempo dos seus amores correm grande risco os que lhe apparecem; e se acontece que um homem passe ao seu alcance, ambos, leão e leôa, se precipitam sobre elle, como uma cadella quando julga que lhe querem arrebatar os cachorros. Todavia isto não acontece muitas vezes, pois só tenho noticia de dois ou tres casos, n'um dos quaes certo homem, passando pelo sitio em que o leão estava, sentiu-se mordido antes de poder trepar a uma arvore, e outros se tem visto presos por uma perna da cavalgadura em que vão montados, quando estão desprecavidos.

É tão frequente a segurança que inspiram as noites de luar aos viajantes, que rara vez atavamos os bois; pelo contrario os deixavamos soltos ao pé dos carros; não acontecendo o mesmo nas noites escuras e chuvosas, em que é quasi certo, se anda algum leão nas proximidades, lançar-se a um boi. Quando se approxima, é sempre occultando-se, excepto quando está ferido; e ao menor signal que descobre de se lhe ter armado alguma cilada, basta para que se contenha, e deixe de dar o ultimo salto sobre a sua presa. Isto parece caracteristico da raça felina, por isso quando na India prendem uma cabra muito bem atada para se poder, por este meio, fazer de noite a pontaria ao tigre, cuja caça se deseja, se está n'uma planicie, é certo que será morta pela féra, d'uma assaltada, com tal rapidez, que é impossivel a pontaria. Para evitar isto, se faz um pequeno poço, em cujo centro se colloca uma estaca, á qual se prende a cabra, introduzindo-se-lhe no ouvido uma pedrinha que a faça estar berrando toda a noite, e então o tigre que suspeita o laço, em vez de saltar sobre a presa que se lhe offerece, dá continuas voltas em roda do poço, permittindo assim



Um bufalo a luctar com tres leões

que o caçador, que está de alcatéa, lhe faça pontaria certa. »

Fallando das luctas que o bufalo tem frequentemente com o leão, em que aquelle boi silvestre quasi sempre se sáe victorioso, estripando o leão com as agudas pontas, pretas como azeviche, de que hoje se fazem tantos objectos de pentearia e tôrno, conta Livingston, que tendo dois viajantes ferido com bacamarte a um bufalo, fugindo este animal para um sitio onde tres leões estavam dormindo a sésta, se lançaram a elle, por verem que lhe custava a andar, em consequencia de se ir esvaindo em sangue. Apesar de se ver n'este estado, o bufalo não succumbiu ao assalto dos tres leões, resistiu-lhes por muito tempo, até que os mesmos viajantes, que o haviam ferido, o salvaram das garras de tão formidaveis inimigos.

Esta scena, que elle reduziu ao quadro que exhibe a nossa gravura, vem referida no seguinte extracto que transcreve do diario de um dos ditos viajantes inglezes, Frank Vardon.

« Tenho aberto perante mim o diario das minhas observações feitas na Africa austral, e n'elle vejo a narração de uma lucta entre os leões e o bufalo, que é a seguinte: — 15 de setembro de 1846. Oswell e eu montámos a cavallo hoje de tarde no largo das ribeiras de Limpopo, quando avistámos um antilope; e havendo-me apeado para o seguir entre os juncaes, divisámos tres bufalos, os quaes, depois de nos seguirem por um pouco de tempo, pararam, fixando-me attentamente o que nos ficava mais proximo. Uma bala de grosso calibre que lhe disparámos, penetrou-lhe um dos costados, e então fugiram todos tres. Oswell e eu seguimo-los. Em quanto carregava a minha espingarda, e quando já estavamos a ponto de alcançar o que ia ferido, tres leões se precipitaram sobre o desgraçado animal, que mugia dolorosamente, evitando ao mesmo tempo o ataque dos seus inimigos; mas não podendo resistir-lhes, foi vencido, cahindo no chão.

« Nós, que estavamos perfeitamente situados para ver o combate, distinguiamos os leões apoiados nos quartos trazeiros, despedaçando atrozmente com os dentes e garras o pobre bufalo: aproximando-nos na

distancia de uns vinte metros, ajoelhámos e disparámos sobre elles ao mesmo tempo. Caiu logo morto um leão sobre o bufalo, não tendo mais tempo que o de voltar-se para nós, e morder um arbusto que lhe ficava ao lado, expirando logo. O segundo tomou precipitadamente a fuga; o terceiro levantou a cabeça, olhou tranquillamente em redor por alguns instantes, e depois voltou á tarefa que tinha interrompido, de fazer em hastilhas a sua presa. Retirando-nos a curta distancia para carregar de novo, avançámos outra vez, e fizemos fogo. O leão rugiu apenas, porque a bala não havia feito mais que roçar-lhe, se bem que depois conseguimos matal-o com repetidos tiros. Não é mui frequente fazer tanto contra tres leões e um bufalo em menos de dez minutos; por isso foi tão interessante esta aventura, que nunca me esquecerá. »

CONTOS DE COR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 163)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

IV

Do fundo do valle víra Ramon as cabras saltando na granja; e, antes de chegar a casa, tomou de uma sebe uma vara de aveleira, com intento de medir com ella as costas de Santiago pelo seu descuido.

— Onde está, onde está esse mau filho, que o hei de matar!... — perguntou a Catalina ao chegar a casa.

— Senhor meu pae, — respondeu a joven tremendo, — está na granja.

— Se estivesse alli, como se lhe ordenou, não teriam as cabras damnificado o milho.

— Se se afastou, foi que o chamei para me colher umas cerejas.

— Havias de ser Jariega, para serdes boa! — disse Ramon, e a mão levantada ia a descarregar-se na innocente Catalina; porém Quica interpoz-se, detendo o braço de seu marido, e exclamando:

— Ramon, pelo amor de Deus, não batas na criança, que pena tem de mais a pobresinha da minha alma em não conhecer pae nem mãe!...

— Pois o desaforado de teu filho, que os conhece, será quem pague as custas.

— Homem, não sejas teimoso, que todos fomos rapazes e descuidados. Além d'isso, devemos hoje passar o dia na paz e graça de Deus, já que tivemos uma boa noticia.

— O que tu quizeres, mulher, — respondeu Ramon, completamente abrandado — Sempre ha de ser o que a vossemecês lhes dá na vontade. Vinha aqui a proposito o conto que contava o defuncto meu pae.

— E que conto era esse? — perguntou Quica, alegre por vêr seu marido tão prazenteiro como d'antes.

— Quando Christo andava pelo mundo curando enfermos, e resuscitando mortos, saiu-lhe ao encontro uma mulher, e disse, agarrando-lhe a capa e chorando como uma Magdalena:

— « Meu Senhor, faça-me o favor de vir resuscitar meu marido, que morreu esta manhã. »

— « Não me posso demorar, — respondeu o Senhor, — porque vou a toda a pressa fazer um milagre por ordem de meu Pae e Senhor, que é encontrar uma boa mãe de familias entre as mulheres affeiçoadas a toiros e novilhos; porém tudo se fará, se a mula não parar. O que eu posso agora fazer, é que se te antolha resuscitar teu marido, teu marido resuscitará. »

Effectivamente a mulher afigurou-se-lhe que o marido havia de resuscitar, e o marido resuscitou, que nem os mortos podem escapar aos desejos vehementes das mulheres.

Quica e Catalina riram muito do conto de Ramon, que o carinho encontra graça até em contos tão insipidos como o que elle contou, e como os que eu conto.

Catalina foi alegre, vendo que em fim havia serenado a borrasca, pôr a mesa no pateo, deliciosamente sombreado pela figueira. E no entretanto, perguntava lá para si: — Que boa noticia será essa de que fallou a senhora minha mãe?

Santiago e Navarro assomaram pelo nogueiral, ambos cabisbaixos e receiosos, porque a ambos lhes remordia a consciencia.

— Venha jantar, meu senhor, — disse Ramon a Santiago.

Navarro julgou que o dono fallava com elle, e rosnou como se quizesse dizer:

— Mau, mau... já nos chamam *senhor* sem o ser!...

E foi enroscar-se timidamente debaixo da mesa, á qual acabava de sentar-se Santiago com menos remorsos que o cão.

Ramon e Quica contavam com o bom effeito que produziria em seu filho a noticia que tinham recebido, e por isso trataram de descobril-a.

Esta noticia encerrava-se n'uma carta do Mexico, que Ramon tirou da algibeira, e principiava d'este modo:

« Meu querido irmão Ramon. — Se não estou em erro, o rapaz váe completar quinze annos, edade mui a proposito para se aclimar n'este paiz e para emprehender a carreira do commercio, que eu com tanta honra e proveito hei seguido. Manda-me, pois, meu sobrinho e afilhado Santiago no primeiro navio que sáia de Bilbáo, que por minha conta corre o fazer d'elle homem de proveito. »

Similhante carta enlouqueceu de alegria a Santiago, e entristeceu profundamente Catalina.

Chegou o dia 15 de agosto, grande dia para o concelho, porque em sua egreja parochial se celebrava a festa da Assumpção.

Apenas havia amanhecido, e já as branquicentas columnas de fumo, que saíam das lareiras, formavam sobre todo o valle uma diaphana e azulada nuvem, levemente agitada pelas vivificadoras auras cantabricas.

As branquicentas columnas de fumo, que saíam de todos os lares, eram como nuvens de incenso enviadas ao Senhor pela abundancia e felicidade que n'elles derramava; porém o lar de Ipenza parecia apagado ainda. Os seus moradores, todavia, haviam-se levantado antes que os passaros entoassem no arvoredo e nas sebes o canto da alvorada.

Santiago preparava-se para tomar o caminho de Bilbáo, porque tinha chegado a hora de embarcar-se para esse novo hemispherio aonde — oh patria minha! — a flor da tua juventude vae buscar um sepulchro tão triste, tão triste, meu Deus! que nem as lagrimas de mãe o santificam, nem as flores do valle nativo o adornam!

Ramon devia acompanhar seu filho até Bilbáo.

Quica, que até áquelle instante não tinha derramado uma lagrima, porque só víra seu filho no caminho da felicidade, como tantas outras illudidas mães, Quica chorava então sem conforto.

A pobre da Catalina tinha chorado tanto por espaço de mez e meio, que não ficaram lagrimas em seus olhos; não chorava, pois; sentia o abatimento e a tristeza que devem sentir os que se finam.

Os olhos de Santiago humedeciam-se ás vezes; porém não tardavam em brilhar de alegria.

— Ora vamos, parecem umas crianças choramigas, — exclamou Ramon, arrancando seu filho dos braços de Quica e Catalina. — Qualquer diria, — acrescentou, — que o caso era para chorar... Não me vês a mim? Pois eu tambem tenho o coração no seu logar...

E tinha-o, effectivamente, Ramon, porque de seus olhos deslisavam-se lagrimas como avelãs.

Santiago e Ramon partiram.

Desconsoladas, Quica e Catalina seguiram-n'os com a vista até que transpozeram o proximo cerro.

Então a joven fez um esforço quasi sobrenatural para se aquietar, e disse:

— Senhora minha mãe, vou levar as ovelhas ao monte.

— Faze o quizeres, minha filha, — respondeu-lhe Quica abstractamente.

Catalina tinha por costume abrir, todas as manhãs, a porta a um rebanho de ovelhas, e encaminhal-o a um tiro da propriedade, onde as deixava sós; porém, n'aquelle dia, seguiu com ellas até ao cerro que haviam transposto Ramon e Santiago, d'aquelle cerro passou a outro, e d'este ao de mais além, sempre fitando a vista no caminho de Bilbáo, até que, rendida de fadiga e morta de tristeza, inclinou o formoso semblante, e em vez de se dirigir á propriedade de Ipenza, dirigiu-se á egreja do valle, e ajoelhou perante o altar da Virgem da Soledade.

EXPOSIÇÃO SOLEMNE

DO CORPO DE S. FRANCISCO XAVIER

(Vid. pag. 151)

Antes de proseguirmos a narrativa do que se passou n'esta ultima exposição, cumpre-nos advertir que a admiração que mostrámos a pag. 143, de se não conhecer em Goa o volume dos sermões de Vieira, em que vem tantas particularidades da vida de S. Francisco Xavier, se referia ao que viamos escripto no auto de exame feito em 1782; pois que o auctor do « Resumo » tanta vez citado n'esta noticia da exposição, menciona esse volume no elenco das obras por elle consultadas para a publicação do citado « Resumo », e d'elle faz algumas transcripções. Não cita, porém, nem parece ter lido a importante carta dedicatoria dirigida á rainha D. Maria Sophia, pelo padre Balthasar Duarte, que resolve algumas duvidas, e corrige os erros que já notámos no « Resumo ».

Depois de escripto o artigo a que nos estamos reportando, é que reparámos que o auctor do « Resumo », n'uma nota a pag. 123, diz que fôra induzido em erro, n'outra nota aos documentos, pelo epitome do padre Figueiredo, sobre o nascimento das infantas a quem a tradição attribuia o bordado das vestes sacerdotaes de S. Francisco Xavier. Mas ainda esta emenda ficou errada, porque, segundo o testimunho contemporaneo, do citado padre Balthasar Duarte, quando a rainha fez a offerta de taes vestimentas ao santo, ainda nenhuma das suas filhas era nascida!

Fazemos estas observações para que taes erros se corrijam, e não por menosprezar o livro do sr. Filippe Nery Xavier, que é na verdade mui noticioso, contém grande copia de documentos inéditos, e é o trabalho mais completo que até agora temos a respeito do que toca a um varão santo, que tanto glorificou e afamou a nação portugueza.

Dito isto, concluamos hoje a noticia que promettemos dar aos nossos leitores, de quanto occorreu de notavel n'esta exposição de 1859.

Já vimos pelos autos que transcrevemos, ter-se achado o corpo do santo em estado de se poder expôr a publico.

Para esta solemnidade destinou o governador o dia 3 de dezembro, em que a egreja festeja o santo, continuando o corpo a estar exposto á devoção dos fieis até ao fim do mez.

Chegado esse dia, era tal a anxiedade publica, que para a velha Goa tinham concorrido com anticipação povos de todas as castas indiaticas, que antes de se abrirem as portas do templo do Bom Jesus, coalhavam o terreiro e avenidas adjacentes. Observado o programma que o governador tinha decretado, se deu começo á exposição com missa pontifical e sermão, prégado pelo padre Miguel Filippe de Quadros. A egreja a principio estava aberta sómente até ás 3 horas, e os devotos iam a um e um beijar os pés descarnados do santo. Constando, porém, que muitos peregrinos tinham de se demorar em Goa dois e tres dias á espera de vez, resolveu-se que a egreja estivesse aberta até á noite. Conheceu-se tambem que era melhor prorogar a exposição, e assim se fez, dilatando-a até ao dia 8 de janeiro. Sem embargo d'esta prorogação, como redobrasse a concurrencia de povos mui distantes, foi necessario permittir que a egreja estivesse aberta uma parte da noite; e nos ultimos dias só depois da uma hora se conseguiu fechal-a, ficando ainda muita gente á porta. Finalmente no dia 8 encerrou-se a exposição com a mesma solemnidade com que se abrira, perante um concurso immenso de povo, o qual, segundo refere uma testimunha presente, assistiu áquelle acto com tal recolhimento, e com tanta saudade de ver encerrar-se outra vez, no seu cofre, a veneravel mumia do santo Xavier, como se descesse a campa sobre um parente, ou amigo de cada um.

Pelas notas que se tomaram excedeu a duzentas mil pessoas o total dos devotos e visitantes que concorreram a beijar os pés do santo durante os 37 dias que esteve em exposição; o que dá mais de cinco mil pessoas por dia.

Nunca em Goa se tinham visto tantas e varias nações reunidas. Indios, parses, mogoles, arabes, chins, judeus, protestantes; em fim, de todas as castas e crenças.

Entre o numero dos que fizeram esta peregrinação á velha Goa de Affonso de Albuquerque, entraram muitos enfermos e aleijados, que influidos pela fé na intercessão do santo se arrastaram aos seus pés, e muitos, contam as noticias vindas d'alli, cobraram saude ou melhoras. E parece que algumas d'estas curas fizeram tal sensação no povo, que a auctoridade ecclesiastica nomeou uma junta para tomar depoimentos e informações sobre a veracidade de taes factos.

Tambem houve muitas conversões e baptismos de gentios, o que tudo concorreu para afervorar a devoção do santo apostolo das Indias, e alegrar mais a festa da sua exposição.

As esmolas e oblatas que se recolheram durante a exposição, montaram a 23:000 xerafins, ou 4:255,000 réis da nossa moeda.

ANTIGUIDADES NACIONAES

CASAMENTO OBRIGADO

Mandava a Ordenação do reino, que qualquer pessoa a que fosse dado officio de julgar ou de escrever, não sendo casado, seria obrigado a se casar dentro de um anno, contado do dia que lhe fosse dado, sob pena de perder o officio. E os que houvessem de servir de provedores de comarca, não seriam providos sem serem casados.

Se enviuvavam, eram egualmente obrigados a se tornarem a casar dentro de um anno, salvo se tivessem já feito quarenta annos, porque em tal caso não eram obrigados a casar.

A mesma ordenação prohibia que se dessem officios publicos aos menores de vinte e cinco annos.

Sobre estes dois preceitos, sendo ouvido o procurador geral da coroa, deu elle o seguinte parecer, que tem graça, sobre ser mui liberal e sensato.

«Rigoroso preceito é o da ordenação l. 1. tit. 94, § 1, pelo qual são constrangidas as pessoas que tiverem officio de julgar ou de escrever, a se casar dentro de um anno. E ainda mais rigoroso, porque se depois de casados viuvarem, se lhes manda que tambem dentro de um anno tornem a casar, e aos desembargadores do paço é prohibido pelo § 16 do seu regimento dispensar n'esta lei, quanto aos officios de escrivães e juizes dos orfãos.

Esta é a parte que seguiu a lei lusitana na grande contenda que sempre houve, entre os politicos, na questão de serem para os officios da republica mais convenientes os casados que os solteiros. Porém quasi me vem á imaginação, se a nossa lei cuidaria que se acham mulheres na feira para casarem, cada vez que quizerem os solteiros ou viuvos, com todos aquelles requisitos que são necessarios no maior negocio dos homens, qual é o casamento.

O que na materia se póde affirmar, por notorio, é que a dita lei não está em sua observancia no reino. Parece-me, porém, que o está no Rio de Janeiro; mas ainda assim eu, supposto ella, entendo que o proprietario não perde por esta causa o seu officio sem haver sentença condemnatoria, porque assim se deve interpretar a lei, e já houve auctor que n'esta fórma a entendeu. Supposto, pois, que este proprietario não está privado, nem o póde ser senão por sentença; e supposto tambem, que não pede o supprimento, que facilmente se lhe devêra conceder por seu procedimento, e pela utilidade publica dos orfãos, não tenho por inconveniente que S. M. do seu proprio movimento lh'o mande, escrevendo ao governador que, sem embargo de não ser casado, e da lei em contrario, o deixe servir; porque não é menos, antes mais, decente a um principe fazer por bem de seus vassallos, e da justiça de sua republica, o que com requerimento da parte poderá fazer, maiormente em materia de orfãos, dos quaes é immediato protector.

Quanto ao outro officio, tem o proprietario um impedimento, que todos desejam, mas não é o que basta para o intento, e deve ser notificado, para que com effeito sirva no breve termo que parecer ao governador, e não satisfazendo, se lhe haja por vago, para S. M. o prover de propriedade, porque esta comminação e execução d'ella, é licita, e não se encontra com a justiça.

Finalmente, quanto ao officio de meirinho do mar, n'este mesmo masso váe uma petição de uma sobrinha do defuncto proprietario, que o pede, mas sem fundamento de justiça; e sem esta se offender, póde S. M. fazer provimento d'elle em quem for servido; e quanto a se vender, tem este arbitrio todos aquelles inconvenientes que sempre se experimentam das vendas dos officios, porque, como *quem compra tambem costuma vender*, segue-se que na venda da justiça recuperam, os que compram os officios, o preço que por elles deram. E segue-se tambem, que o merecimento fica sem premio, ficando com elle a ambição e a cubiça. — Lisboa 20 de outubro de 1693. — *Manuel Lopes de Oliveira.*

Quem quer mais do que póde, destroe o seu poder e o seu querer.

ACHILLES COLLAS

Antigamente só aos nobres e poderosos se tirava o retrato, se modelavam bustos e cunhavam medalhas. Hoje tambem os humildes e pobres recebem essa homenagem dos seus concidadãos, com tanto que se hajam assignalado n'algum ramo do saber ou da industria humana.

A um d'estes, ao mechanico francez Achilles Collas, mandaram os seus compatriotas cunhar o medalhão que hoje reproduzimos, para ver se entre nós se faz outro tanto aos que o merecerem, principalmente nos progressos industriaes, para os quaes não temos incentivo nenhum, nem sequer os lucros que n'outros paizes se tiram.



Achilles Collas

Achilles Collas nasceu a 24 de fevereiro de 1795 e morreu em Paris a 3 de março de 1859. Foi o auctor da machina de reducção para se poderem popularisar as obras primas de estatuaria, e de outra para gravar medalhas. Tinha muito antes inventado differentes machinas de grande utilidade industrial, taes como, a de fixar as tintas para a gravura em talho doce, os punções para fazer botões eriçados, colchetes de cobre prateado, etc.

Toda a sua instrucção, e os progressos que fez em mechanica deveu a seus proprios esforços, sem frequencia de aulas, pois sendo simples aprendiz de um modesto fabricante de cadeias de relogio, nunca teve tempo para estudar methodicamente, applicando-se tão sómente a ler e fazer experiencias, nas horas que podia furtar ao descanso, depois do trabalho.

O seu nome está já inscripto no catalogo dos homens uteis d'este seculo, que aliás tantos inuteis váe produzindo.

CHARADA

Investiga estas duas, e achas logo
Quem force imperioso o teu respeito.
Da mais alta poesia o sacro fogo,
Co'as outras duas, atearás no peito.
Reune as quatro, e, posto ser um jogo,
Ao todo foge, treme do conceito,
Que, se o vês sobre ti, perdido o norte.
No mesmo horror confundes vida e morte.

Explicação do enigma do numero antecedente

Para um que decifra um enigma, ha dez que se dão a tratos sem nada decifrarem.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio